

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

KARINELE RONCHI

**MULHER, COMPANHEIRA, HEROÍNA: AS REPRESENTAÇÕES DE ANITA
GARIBALDI NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

CRICIÚMA - SC

2014

KARINELE RONCHI

**MULHER, COMPANHEIRA, HEROÍNA: AS REPRESENTAÇÕES DE ANITA
GARIBALDI NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado(a) no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Msc. Michele Gonçalves Cardoso.

CRICIÚMA - SC

2014

KARINELE RONCHI

**MULHER, COMPANHEIRA, HEROÍNA: AS REPRESENTAÇÕES DE ANITA
GARIBALDI NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de Bacharel e Licenciado(a), no Curso de
História da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Criciúma, 02 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Paulo Sérgio Osório – Mestre – (UNESC)

Prof.^a Tatiane dos Santos Virtuoso – Mestre – (UFSC)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela proteção nesses quatro anos de caminhada.

Agradeço ao meu noivo Diego.

Agradeço à minha orientadora, Michele Gonçalves Cardoso, pela ajuda no desenvolvimento do trabalho e sua dedicação às suas orientandas.

Estendo o agradecimento aos demais professores pelo apoio e expressiva contribuição na minha formação.

Agradeço aos meus colegas de turma que estiveram junto a mim nesses quatro anos.

Finalizo agradecendo a todos do curso de história.

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho propõe a análise da presença de Anita Garibaldi nos conteúdos da Revolução Farroupilha em livros didáticos do segundo ano do ensino médio no período de 1996 à 2013. A pesquisa foi realizada com a utilização de livros didáticos de escolas públicas estaduais. Será abordada a presença, ou ausência de conteúdo nos textos sobre Anita Garibaldi. Busca-se, ainda, fazer uma análise de tais livros, comparando as variadas formas com que a personagem aparece em oito livros selecionados.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Livro didático. Ensino de História.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Monumento de Anita Garibaldi, em Laguna/SC.	27
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Menção de “Anita” nos livros didáticos.....	33
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVOLUÇÃO FARROUPILHA: INTRODUÇÃO AO CONFLITO	14
2.1 DE ANA MARIA À ANITA GARIBALDI.....	21
3 ANITA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Por muitas vezes o ensino de história foi pautado numa história tradicional¹, mas nos últimos anos outros sujeitos estão sendo debatidos, analisados e tornando-se participantes dessa história. As mulheres são um exemplo; elas não apareciam nos textos dos livros, sua imagem era invisibilizada e, percebe-se que ainda hoje pouco espaço é dado para elas nos livros didáticos.

Pensando na ausência desses sujeitos históricos foi criado o Projeto de Lei nº 79 de 2009 (n.º 235/2007 na Câmara de origem, da Deputada Alice Portugal), para refletir sobre a importância de se conhecer as biografias de diversas mulheres brasileiras, como Maria Quitéria, Francisca Gonzaga, Anita Garibaldi (BRASIL, 2009).

A partir da história de vida dessas mulheres o projeto de lei também objetivava mostrar, nos conteúdos escolares, as lutas pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho e os motivos das diferenças salariais perante os homens.

O projeto versava sobre a importância de inserir conteúdos no ensino médio que buscassem a conscientização sobre os direitos das mulheres. A proposta de lei foi de iniciativa da deputada Alice Portugal (PCdoB/BA) e nos diz que:

Os estabelecimentos de ensino médio, públicos e privados, incluirão em seus currículos escolares, conteúdo que trate dos direitos da mulher. § 1º o conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo voltado para a conscientização sobre os direitos da mulher, abordando os aspectos históricos, sociológicos, econômicos, culturais e políticos que envolvem a luta da mulher pela conquista da igualdade de direitos (BRASIL, 2009).

Esse projeto de lei evidencia a necessidade de aprofundarmos temáticas que nos ajudem a refletir sobre as relações de gênero em nossa sociedade. Ao tentar incluir biografias de mulheres que tiveram participação ativa em alguns movimentos políticos e culturais no Brasil, Alice Portugal buscava dar ênfase à história dessas mulheres e evidenciá-las como sujeitos históricos atuantes. Importante ressaltar que os próprios livros didáticos acabam por invisibilizar a presença das mulheres na história.

¹ Entende-se por história tradicional a que se pauta nos feitos das “grandes” personalidades. Escreve-se a história a partir de documentos que buscam descrever os fatos como realmente aconteceram. A principal metodologia nessa perspectiva seria a memorização.

Assim, o objetivo desse trabalho é perceber se nos últimos 20 anos houve alguma mudança na forma como os livros didáticos representam as mulheres. É importante perceber se os historiadores/escritores e suas respectivas editoras incorporaram conteúdos que incluam a questão de gênero nos livros, no caso do que estamos propondo como objeto de estudo, Anita Garibaldi no tema Revolução Farroupilha. Escolhemos analisar a presença/ausência de Anita Garibaldi nos livros didáticos, pois no projeto de Alice Portugal ela é uma das mulheres indicadas para que sua biografia seja estudada.

Será realizada uma pesquisa em livros didáticos do segundo ano do ensino médio, possibilitando assim, uma análise das mudanças ou das permanências sobre o conteúdo evidenciando, a mulher Anita Garibaldi que, dentro do ensino de história ainda permanece neutralizada.

O ensino de História nas instituições formais teve início no Colégio Pedro II, no período Imperial em 1837. Inicialmente objetivava a formação moral baseada nos ideais de civilização e nacionalidade, que eram valorizadas especialmente pelas elites da época. Assim, surge a disciplina que teria o papel de ensinar a moral e a ética, relacionando a valores da pátria, datas comemorativas, fatos considerados importantes para a nação.

Como afirma Circe Bittencourt:

(...) a História serviu inicialmente para legitimar um passado que explicasse a formação do Estado-nação e para desenvolver o espírito patriótico ou nacionalista. A contribuição do seu ensino para a constituição da identidade permanece, mas já não se limita a constituir e forjar uma *identidade nacional* (BITTENCOURT, 2004, p.121).

Durante o século XX, tinha-se em vista a formação da cidadania e da moral e cívica, buscava-se consolidar a identidade nacional, mas em seu sentido mais amplo que contribuía para formação do cidadão político. Tinha como objetivo ensinar as futuras gerações das elites como conduzir bem a Nação rumo ao progresso; elites essas que futuramente governariam o país e, para isso, precisariam ter uma base política, uma formação que focasse nesse objetivo.

Seguimos até a atualidade, onde temos o objetivo do ensino de história de formar cidadãos que saibam se posicionar ante aos acontecimentos e notícias recebidas, o ser que reflita, busque explicações e faça questionamentos sobre os diversos segmentos a cerca da sociedade.

A partir das reflexões apresentadas brevemente nessa introdução sobre o ensino de história, faz-se necessário aprofundarmos a relação do ensino com o material didático. Observar as constatações e dificuldades encontradas sobre o ensino de história, além de proposições, levando em conta a limitação e a condição das editoras, que nem sempre publicam o material original entregue pelos professores/escritores, ou algumas vezes, esses conteúdos precisam ser reduzidos, subtraindo informações importantes que ajudariam na melhor compreensão do conteúdo e despertariam maiores reflexões.

Para muitos alunos ele é uma das únicas possibilidades de acesso aos textos e referenciais históricos, até mesmo as imagens, que muitas vezes só são acessadas nos livros, por conta da impossibilidade desses alunos de acesso a outras fontes, como internet, outros livros e até mesmo viagens de estudos.

O livro possibilita várias discussões, mas o professor não pode ficar somente preso a esse suporte, o mesmo deve buscar outras fontes, outras maneiras de apresentar aos alunos o conhecimento estudado.

Sabe-se que o livro didático é mediador do processo de aprendizagem, mas é também um produto da indústria cultural, que visa principalmente os interesses econômicos.

Segundo Circe Bittencourt:

A linguagem que produz deve ser acessível ao público infantil ou juvenil e isso tem conduzido a simplificações que limitam sua ação na formação intelectual mais autônoma dos alunos. Autores e editores ao simplificarem questões complexas impedem que os textos dos livros provoquem reflexões ou possíveis discordâncias por parte dos leitores. Sua tendência é de ser um objeto padronizado, com pouco espaço para textos originais, condicionando formatos e linguagens, com interferências múltiplas em seu processo de elaboração associadas à lógica da mercantilização e das formas de consumo (BITTENCOURT, 2002, p.73).

Para conduzir a pesquisa nos livros didáticos utilizarei como referência para o conceito de gênero, Michelle Perrot e seu livro “Os excluídos da História”. No livro, gênero é entendido como o estudo das relações sociais entre os homens e as mulheres, levando em conta como se organizam em diferentes sociedades, épocas e culturas. Na construção social, o homem é criado para ocupar posições políticas e sociais diferentes da mulher, cabendo aos homens posições mais elevadas que a mulher. Em contraposição às diferenças biológicas que acabavam naturalizando a

dominação masculina, foi criado o conceito de gênero, que impõe condutas, práticas, espaços de poder e anseios diferentes, buscando componentes sociais e culturais, onde não há papéis fixos para homens e mulheres em nenhuma esfera social (PERROT, 1988)

Durante muitos anos foi construída uma imagem estereotipada da mulher como um ser submisso ao homem, que é encarregada dos serviços da casa, reinando sobre o consumo e que, se estiver à frente na política, coloca a sociedade em grande risco.

Entende-se então, segundo Perrot (1988, p.177) que cabe “aos homens, o cérebro (muito mais importante do que a fala), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.” Essas características buscavam dar legitimidade à dominação do homem sobre a mulher, fixando a ideia de que a mulher foi criada para o serviço doméstico e para cuidar dos filhos e que, a partir do momento em que ela tenta ocupar um lugar na sociedade, a coloca em risco, torna-se ameaça constante. Visto isso, durante anos a mulher luta por seu espaço, por condições igualitárias perante os homens. Em muitos lugares ela já construiu seu espaço, mas ainda há muito pra conquistar. É uma luta constante.

Outro conceito que será utilizado no decorrer do trabalho será o de representação. Explanando sobre o conceito, Sandra Jatahy Pesavento em seu livro “História & história cultural” evidencia que “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de; é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência” (PESAVENTO, 2008, p.40).

Na história, a representação é de um passado, ou seja, a interpretação desse passado. Tem-se como proposta, “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo” (PESAVENTO, 2008, p.42).

Assim, através das representações que nos chegam do passado podemos interpretar como os eventos foram constituídos e como ainda hoje são difundidos e representados.

O desenvolvimento do trabalho se dará com um primeiro capítulo introdutório sobre a Revolução Farroupilha, evidenciando qual foi o processo que levou a esse conflito e como se passaram esses 10 (dez) anos, de 1835 à 1845.

Expõe também um pouco mais sobre Anita Garibaldi, como adentrou nessa revolta e de que maneira conheceu Giuseppe Garibaldi, pelo qual se apaixonou e, fugindo com ele participou de algumas revoltas. Buscamos ainda analisar a sua representação na cidade de Laguna – SC, através da estátua construída no centro da cidade.

Já no segundo capítulo serão iniciadas as análises dos livros didáticos do segundo ano do ensino médio, tendo como objetivo perceber como eles apresentam a mulher, seu papel feminino na sociedade, bem como se apresenta no conteúdo da Revolução Farroupilha a participação de Anita Garibaldi, percebendo como os escritores e editores a representam nos textos.

Analisando a maneira como Anita é representada podemos problematizar a sua presença nos livros didáticos, pois mesmo quando ela aparece na narrativa ainda assim, sua presença pode ficar invisibilizada por um discurso de gênero que a põe de lado, apenas como coadjuvante.

Ao mesmo tempo em que buscamos perceber como o título de heroína dos dois mundos pode suscitar debates e construir novos estereótipos.

2 REVOLUÇÃO FARROUPILHA: INTRODUÇÃO AO CONFLITO

A observação e análise dos livros didáticos se dará no conteúdo sobre a Revolução Farroupilha², conflito que durou 10 (dez) anos, de 1835 a 1845, no período do Brasil Império, entre 7 de setembro de 1822 à 15 de novembro de 1889, no qual o país foi governado por monarcas e adquiriu sua independência.

A revolta aconteceu na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, hoje, apenas Rio Grande do Sul. O conflito passou a ter mais evidência para os brasileiros somente no período em que Getúlio Vargas assumiu a presidência da república.

O conflito que ficou por cerca de 100 anos postergado só foi recordado no momento em que completaria seu centenário. Vargas, por ser gaúcho e por ter interesses na nova república, movimentou-se para fazer uma grande comemoração dessa revolução que havia acontecido em seu Estado.

Mas, pelo fato de o conflito ter sido “esquecido” por tanto tempo, encontra-se muita dificuldade no que diz respeito às fontes. A falta de pesquisa e preservação das fontes durante esse período de cem anos dificultou a pesquisa desse trabalho.

Na procura de documentos, o que se encontra são narrativas folclóricas, romantizadas e que ainda deixam dúvidas do que realmente aconteceu nesses dez anos em que procedera a Revolta Farroupilha.

Por ter se passado tanto tempo sem que o tema fosse revisitado, os escritos sobre o assunto baseavam-se em narrativas orais, de pessoas que ouviram a história de outras pessoas, que leram escritos alheios; assim, percebe-se que exaltavam a questão do heroísmo de alguns personagens e transformavam suas histórias em narrativas românticas.

Segundo Carvalho (1990, p.55):

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos.

²Farroupilha pelo fato de os revolucionários usarem roupas esfarrapadas, rasgadas, gastas, por conta do tempo de duração do conflito. Utiliza-se também o termo Guerra dos Farrapos. Para os farrapos, revolução, pois tem um significado de mudança radical, surgiu do povo por conta da insatisfação com o governo, para outros, simplesmente guerra, pois foi apenas um conflito, uma luta entre a recém-independente República Rio-Grandense e o Império, que acabou sem grandes mudanças.

Tornaram-se heróis da Revolução os que, a partir da visão do povo Rio-grandense, foram homens corajosos, que enfrentaram essa revolução em busca de seus ideais.

A Revolução Farroupilha surgiu com a participação de uma elite mais homogênea, de interesses econômicos definidos e contou com a participação dos escravos. Esses estancieiros³, comerciantes e agricultores, que enriqueceram e formaram esta nova elite, não tinham interesses parecidos com os dos portugueses, que se tornaram latifundiários a partir dos apadrinhamentos ou da participação em lutas contra os espanhóis e permaneciam como administradores públicos da província.

Como afirma Dornelles (2010, p.169):

O primeiro momento se caracteriza pela formação do conflito, encabeçado por homens de destaque no cenário rio-grandense, como grandes estancieiros, charqueadores, comerciantes e representantes da cúpula militar. Primeiramente, buscou-se uma negociação com o governo brasileiro. Com a perpetuação da política centralista da regência imperial, a revolta culminou com a proclamação da República Rio-Grandense.

A partir de 1808, com a vinda da corte para o Rio de Janeiro, esse processo se agravou por conta da aproximação do centro de poder com a região, seus partidários ganharam forças no Rio Grande do Sul. Para controlar o preço do charque⁴, o governo taxou o produto nacional e reduziu a tarifa de importação. Esse processo dificultou a comercialização da charqueada gaúcha, que não tinha condições de competir com a eficiência capitalista e com suas similares do Rio da Prata.

Essa alta taxa de impostos cobrados sobre o charque, principal produto que movimentava a economia da região, fez com que os estancieiros reivindicassem maior autonomia provincial, gerando assim confrontos localizados. Inicialmente buscaram negociação com o governo imperial, mas não fizeram acordo algum. Porém, o grande conflito se deu a partir do momento em que, após a tomada de Porto Alegre, em setembro de 1836, o General farroupilha Antônio de Sousa Neto proclama a República Rio-Grandense ou República de Piratini⁵, passando, a partir

³**Estancieiro:** era quem recebeu terras das sesmarias que tinha a obrigação de nelas permanecer, de modo que atendesse o interesse do Governo Imperial Brasileiro.

⁴**Charque:** é a carne bovina desidrata por meio de sal.

⁵**Piratini:** era a capital da República Rio-Grandense durante a Revolução Farroupilha.

daí, a ter caráter separatista e a província passaria a ser um novo Estado. Essa mudança precisaria de um candidato à presidência, surgindo então o nome do liberal Bento Gonçalves que liderou as tropas contra os conservadores e, depuseram o presidente em exercício da província São Pedro do Rio Grande do Sul, Fernandes Braga proclamando definitivamente a República Rio-Grandense.

Bento Gonçalves, líder dos farrapos, assumiu como presidente da nova República.

Outro indivíduo importante da Revolução Farroupilha foi Giuseppe Garibaldi, que nasceu em 04 de julho de 1807 em Nice, no sul da França, sendo que nesse período a cidade ainda era italiana. Quando jovem tornou-se marinheiro e rapidamente chegou ao posto de capitão da marinha mercante, aproximou-se do movimento “Jovem Itália”, movimento que lutava pela independência e unificação da península itálica.

Garibaldi ingressou na marinha e tem por objetivo servir ao movimento republicano. Em Gênova, sendo atacado pelas tropas se refugia, se disfarça e foge, dando início a sua vida de exílio (DUMAS, 2011, p.39). Aprisionado em Draguignan, colocaram-no em um quarto no primeiro andar; em fuga, pulou a janela e seguiu em direção à Marselha. Viu lá, uma oportunidade de conhecer novos países e embarca no brigue *Le Nautonnier* rumo ao Rio de Janeiro.

Chegando ao Brasil, em 1836, conhece Rossetti, por ocasião, tornaram-se amigos e, Garibaldi citou em seu diário, segundo Dumas (2011,p.45):

O atuar em um comércio para o qual nem um nem outro havíamos sido feitos -, o acaso fez com que Rossetti e eu entrássemos em relação com Zambeccari, o secretário de Bento Gonçalves, presidente da República do Rio Grande, em guerra com o Brasil.

Garibaldi é apresentado por Zambeccari à Bento Gonçalves no Rio de Janeiro, se uniram e traçaram um ataque corsário em oposição ao Brasil.

Evidente que, com a falta de portos no Rio Grande do Sul, que estavam tomados pelas tropas imperiais, uma das alternativas foi a investida sobre Laguna em Santa Catarina. Planos foram elaborados para avançar sobre essa província com o objetivo de utilizar o porto e politicamente “avançar em direção a outras províncias e de se formar uma federação de estados autônomos” (COSTA, 2006, p.39).

Mas a marinha da República Rio-Grandense estava impedida de passar

pela Lagoa dos Patos; as forças imperiais tomaram a cidade de Rio Grande, bloqueando assim, a saída da lagoa para o mar. Os farrapos acharam alternativa. Construíram duas carretas e levaram as embarcações por terra, por aproximadamente 86 km (oitenta e seis quilômetros) até acharem a saída para o mar. Investiram em Laguna, por terra Davi Canabarro e pelo mar, Garibaldi.

Assim afirma Markun (1999, p.123):

Enquanto o general Canabarro requisitava em segredo duzentos bois na região e os enviava para o local junto com a cordoalha retirada de navios apresados, Garibaldi mandou construir duas grandes carretas, com dois eixos muito próximos e quatro rodas de 3,20 metros de altura e 40 centímetros de largura.

Colocaram os barcos em cima dessas carretas e, no dia de seguir viagem a chuva não deu trégua, fazendo com que o comboio atolasse várias vezes, mas alguns dias depois chegavam a lagoa, entraram no mar, e seguiram rumo a Laguna. Passaram por alguns combates no percurso do rio Tubarão, apreenderam embarcações imperiais e avançaram até o porto de Laguna.

No trajeto, uma das naus naufragou, “às três horas da tarde, naufragamos na embocadura do Urussanga, rio que nasce na Serra do Espinilho e encontra o mar na província de Santa Catarina, entre Torres e Santa Maura [?]”⁶. Dos trinta homens da tripulação, dezesseis morreram afogados” (DUMAS, 2011, p.81); Garibaldi, que estava no mastro foi arremessado a trinta pés de distância. A nau foi engolida pelo mar e Garibaldi perdeu um dos seus mais importantes companheiros, Luigi Carniglia.

Já Zumblick (1980, p.32) informa “que ele naufragou nos parciais da praia do Arroio Corrente, no município de Jaguaruna”.

Após tomarem Laguna, proclamaram a República Catarinense ou República Juliana⁷, em julho de 1839, com duração de quatro meses. O objetivo era formar uma confederação entre as duas repúblicas. Uma das justificativas utilizadas pelos Farrroupilhas para a tomada de Laguna, segundo Lopes (2010, p.76) foi “a falta de capacidade do Império de estar presente junto ao povo catarinense e rio-grandense.”. Essa tomada tinha também outro objetivo, que era chegar até a capital da província, Desterro. Mas o avanço dos farroupilhas foi contido devido um

⁶ Dumas (2011) cita no livro “Santa Maura”, mas acredita-se que ele teve dúvida na transcrição, por isso a interrogação e, que seja Santa Marta.

⁷ República Juliana por conta de sua proclamação ter acontecido em julho.

entrincheiramento dos imperiais que estavam protegidos pelo Morro dos Cavalos, os farrapos tiveram dificuldade no ataque devido a esse bloqueio.

Inicialmente, a tomada farroupilha em Laguna teve o apoio do povo. Segundo Marangoni (2009):

Pouco antes da invasão farroupilha, boa parte da população de Laguna já era favorável aos rio-grandenses rebelados. Próximo da fronteira com o Rio Grande, o distrito de Araranguá era tido pelas autoridades como praticamente todo favorável ao movimento revolucionário.

Outro fator que a população renegava com relação ao Governo Imperial foi que, “o recrutamento forçado para a tropa imperial causava grande descontentamento na população mais pobre, a mais atingida por essa prática durante o Império” (MARANGONI, 2009).

Mas nem todos foram ao encontro dos farroupilhas, alguns recuaram até Desterro juntamente com a tropa imperial, pelo fato de estarem inseguros em Laguna. Assim, a população que, por hora, apoiava as tropas republicanas, no decorrer da existência da República Juliana, tornou-se descontente com toda aquela situação, sendo que, já existiam os que não simpatizavam com os ideais republicanos desde a tomada de Laguna. Mas, também havia aversão, desde o início da população com os imperiais. Entende-se assim, que tínhamos uma população dividida entre republicanos e imperiais em Laguna.

Com a proclamação da República Juliana, seu território se estendia até o planalto catarinense e necessitava de uma organização; convocaram assim, eleições para o governo e elegeram Davi Canabarro, que ficou a frente do governo até 07 de agosto de 1839.

Por se tratar de eleição censitária, só tiveram direito ao voto as pessoas com abastada situação financeira e, ainda foram solicitados suplentes, caso alguns se recusassem a votar ou não estivessem presentes na vila no dia das eleições. A partir dessas eleições, como cita Costa (2006, p.41):

Foram eleitos para presidente o Tenente-Coronel Joaquim Xavier Neves e para vice o padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro. Em virtude de Xavier Neves encontrar-se em São José e impossibilitado de comparecer a Laguna pelas forças imperiais que bloqueavam as estradas, o padre Vicente Cordeiro assumiu a presidência.

Juntamente com a eleição do governo da república foram nomeados vários ministros e administradores, tendo como administrador geral o italiano Luigi Rossetti. Mas, mesmo com essa organização a nova república passava por problemas econômicos, políticos e militares. Apesar da tentativa de Rossetti para alavancar a nova república, sabia-se da dificuldade da região, por estar em estado de guerra.

Segundo Costa (2006, p.110):

[...] a circulação de mercadorias sofreria uma diminuição, a produção provavelmente também sofreria algum dano e com a presença de um contingente armado, o consumo de alimentos e recursos locais aumentariam consideravelmente.

Percebe-se assim, algumas dificuldades que teriam que ser enfrentadas pelo povo da região de Laguna. Em certo momento, Rossetti já expressava preocupação com os problemas que enfrentava a jovem República Juliana, se vê sem condições e, pede empréstimo para a República Rio-Grandense.

O governo regente decidiu interferir na região e não aceitando a independência nomeou um novo presidente para a província catarinense, o General Francisco José de Souza Soares d'Andrea, acreditando ser ele um reforço para reter a revolta, pois ele já havia contido a Cabanagem na província de Grão-Pará.⁸

Os republicanos, sentindo-se oprimidos pela força dos imperiais e pela revolta do povo, insurgiram na Lagoa de Imaruí. Segundo Garibaldi narrado por Dumas (2011, p.95):

Visto que o inimigo continuava a avançar contra as nossas posições em sua marcha por terra, e em número tão superior que não haveria possibilidade de lhe opor resistência, e visto ainda que nossa estupidez e nossa incivilidade nos haviam alienado os habitantes da Província de Santa Catarina, prestes a se insurgirem e a se associarem às milícias imperiais (a própria gente do povoado de Imaruí, situado na extremidade do lago, já deflagrara a sua revolta), o general Canabarro emitiu-me a ordem de castigar aquele pobre torrão a ferro e a fogo. Não tive escolha: obedeci ao seu comando.

⁸A “cabanagem” foi uma revolta que aconteceu entre 1835 e 1840, no norte brasileiro, em Grão-Pará. O estado que continha os atuais estados do Amazonas, Pará, Amapá, Roraima e Rondônia, tinha como objetivo aumentar a importância que o Pará tinha para o Brasil, melhorar a condição de vida do povo que vivia em cabanas de barro e tirar do poder os governadores da província, que na maioria das vezes, nunca tinham ido à região.

Percebe-se pelo relato do diário de Garibaldi, a violência com que se rebelaram os republicanos para com o povo e com o exército imperial em Imaruí, tomando e assentando domínio sobre o povoado.

Agravada a situação na República Juliana, Davi Canabarro pede reforço à República Rio-Grandense. A conjuntura estava se tornando incontrolável e, partindo da diferença de embarcações e canhões entre exército imperial e os farrapos, a derrota farroupilha era provável.

Segundo Costa (2006, p.45), “com o ataque imperial, a derrota e consequente retirada das forças farroupilhas chegava ao fim período de existência da República Juliana”.

Após o combate em Imaruí as tropas republicanas retornaram a Laguna, onde outro grande conflito aconteceu. Garibaldi uniu os sobreviventes e seguiu em retirada a caminho do Rio Grande. Chegaram a Curitiba, onde cruzaram com as tropas imperiais e novamente, em perseguição, foram derrotados. Dali seguiram a caminho de Lages, onde permaneceram por mais um longo período e onde a tropa foi se dissipando diariamente.

Conforme cita Garibaldi em seu diário, segundo Dumas (2011, p.108):

Lembro-me que os desertores não levavam consigo apenas os seus próprios cavalos, mas também aqueles pertencentes à divisão, de modo que nossas forças foram-se dissolvendo dia após dia, e com tal rapidez, que logo nos vimos forçados a abandonar Lajes e a marchar em retirada até a província do Rio Grande, temendo o retorno de um inimigo que afugentáramos e cuja fuga não pudéramos conter.

Retornando definitivamente ao Rio Grande do Sul passaram por mais algumas batalhas, em que foram derrotados. O enfraquecimento dos farroupilhas levou Bento Gonçalves a escrever “um documento argumentando ser a paz necessária: era o país como um todo, em sua opinião, que perdia com a guerra” (CAPUANO, 2004, p.32).

Em 22 de fevereiro de 1845 assinaram o acordo de Paz de Poncho Verde, proposto por Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, encerrando o conflito que durou dez anos e a República Rio-Grandense era anexada novamente ao Império.

Mesmo sendo um conflito duradouro, ao fim dos 10 (dez) anos foi invisibilizado e, só voltou a ser revisitado e ressignificado quando o Brasil se torna

república, sendo assim esse conteúdo aparece no livro didático sempre junto a outros conteúdos que mostram conflitos e insatisfações contra o império no período regencial.

2.1 DE ANA MARIA À ANITA GARIBALDI

É nesse contexto que surge uma importante figura da Revolução Farroupilha, que será analisada nesse trabalho: Ana Maria de Jesus Ribeiro. Sobre ela não temos a certeza de onde nasceu nem de como conheceu Garibaldi, pois são poucos os documentos, mas são muitas as narrativas populares que ajudaram a construir a heroína.

De acordo com Zumblick (1980, p.17) “o extravio de documentos oficiais abrangendo o espaço de vários anos de anotações, responde pela falta de melhores esclarecimentos a respeito de Ana Maria”.

Iniciaremos por Zumblick (1980, p.15) que nos diz que “Bento Ribeiro da Silva tratado por Bentão, pai de Ana Maria, tinha como meio de vida a profissão de tropeiro. Viera de São José dos Pinhais - PR, casando em Lages no ano de 1815, com Maria Antunes de Jesus, natural, assim parece, da Laguna.”

Já Markun (1999, p.60) nos diz que “no dia 13 de junho de 1815, Bentão se casou com Maria Antônia de Jesus Antunes, que já tinha 27 anos, na igreja matriz de Nossa Senhora dos Prazeres da Vila de Lages”.

Percebemos assim, a contradição nos nomes da mãe de Ana Maria, juntamente com a exatidão na data dado por um, com a imprecisão dada pelo outro. Na dúvida também fica o local onde ela nasceu. Alguns escritos mencionam ter nascido em Morrinhos, na parte de Laguna, outros dizem ter nascido também em Morrinhos, mas na parte pertencente a Tubarão.

Segundo Markun (1999, p.64):

Por volta de 1816, Bentão e sua mulher, já conhecida como Maria Bento, foram para Laguna. (...) Nos quinze anos seguintes, o casal teria dez filhos: seis mulheres e quatro homens. Pela ordem, Felicidade, Manuela, Ana Maria, Manuel, Cecília, Francisco, Bernardina, Antônia, João e Salvador. Cinco foram batizados em Laguna, dois em Lages e mais um dado como ‘natural de Laguna’. Viveram em várias casas, antes de se fixar no Rincão dos Morrinhos, na margem esquerda do rio Tubarão, na época vinculado a Laguna.

Ana Maria perdeu seu pai aos 14 anos; temos por desconhecida a causa de sua morte e, sua mãe preocupada com a situação financeira da família “(...) precisava ter às mãos argumentos capazes de convencer Aninha a que aceitasse Manoel Duarte de Aguiar como seu noivo e futuro marido” (ZUMBLICK, 1980, p.22). Prometida à ele pela mãe, foi obrigada a se casar em 30 de agosto 1835, com Manuel Duarte de Aguiar, na igreja matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

Conforme Markun (1999, p.69):

Sobre o primeiro marido pouco se sabe. Conhecido como Manuel dos Cachorros, por gostar dos bichos, costumava sair para pescarias noturnas, era caladão e trabalhador. Quanto à profissão, há quem o identifique como marinheiro. Na verdade, teria sido sapateiro – ofício com pouco mercado na cidade, onde a maior parte das pessoas costumava andar de tamancos – antes de ser convocado pela marinha imperial, para combater os farrapos.

Outra suposição, de acordo com Zumblick (1980, p.25) diz que, “Mané sapateiro, diziam outros, que aos seus nenhuma explicação deixara, teria morrido em combate contra os soldados de Canabarro”.

Devido a muitas hipóteses e poucas confirmações, torna-se difícil obter mais informações sobre Manoel Duarte de Aguiar, primeiro marido de Aninha, sapateiro, marinheiro, combatente da marinha imperial, fugitivo, morto, lacuna que fica em aberto.

Sobre o casamento, de acordo com Zumblick (1980, p.23):

Um ano, se tanto, foi quanto durou o mesmo, ainda que já tivessem lá as rugas conjugais antes disso. Pouco a pouco brotaram aqueles pequenos desentendimentos que viraram, pelo correr do tempo, atitudes que chegariam à discórdia definitiva.

Assim, considerou-se que o casal, Ana Maria e Manoel, já não estavam bem no seu casamento, quando Garibaldi chega com os republicanos em Laguna. Versões podem buscar legitimar perante uma sociedade machista a fuga de Ana com Garibaldi.

Percebemos que os autores buscam enfatizar que Ana casou obrigada e era infeliz no casamento, assim o romance com Garibaldi parece transgredir menos aos ideais do período.

O encontro de Ana Maria e Garibaldi já foi romantizado em livros, minisséries, curtas, etc. Mas utilizarei como base o diário escrito por Garibaldi após a

morte de Ana e que foi transcrito por Alexandre Dumas. Ele conta em seu diário como conheceu Aninha.

De acordo com Dumas (2011, p.90):

Da minha carabina no Itaparica, eu dirigia o meu olhar à ribeira. O morro da Barra encontrava-se próximo e, do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras [...].

Após o encontro de Ana Maria e Garibaldi, não sabemos o que realmente aconteceu com seu marido, se morreu, nunca foi encontrado o registro de óbito, se desapareceu, ninguém nunca o viu. Contudo, sabemos que ela decidiu seguir para a luta com Garibaldi, onde aprendeu a manusear espadas e armas de fogo.

Vários conflitos se desencadearam nesse período em que os dois estavam juntos, mas no que Ana Maria teria se destacado foi na armação de Imbituba, juntos ela e Garibaldi se prepararam para o combate.

Como cita Zumblick (1999, p.59): “Ana Maria parece feita só de coragem e, durante os ligeiros tiroteios, está no convés, de arma em punho, a também responder com tiros à reação dos barcos apresados”. Considera-se esse combate o que construiu a reputação de Anita como heroína, devido a sua valentia e coragem na batalha.

Sendo capturada pelas tropas imperiais na Batalha de Curitibanos, Anita se separou de Garibaldi, que seguiu fugido em direção ao Rio Grande do Sul; recebendo a notícia de que ele havia morrido, Anita foge a cavalo e reencontra Garibaldi em Vacaria-RS.

Ainda no Brasil, Anita dá a luz ao seu primeiro filho em 16 de setembro de 1840, no qual dá o nome de Menotti. Depois partem para Montevidéu, onde acontecia uma guerra civil, em busca da emancipação político-administrativa do Uruguai. A chegada da família data dia 17 de junho de 1841, após 50 dias de viagem. Eles eram esperados, pois Garibaldi já havia comunicado a alguns refugiados italianos na cidade a possibilidade de sua mudança para lá e, posteriormente, Garibaldi recebeu apoio da maçonaria, que visava um grande líder para a futura campanha de unificação italiana.

A necessidade de sustentar sua família e, como ainda não estava em combate, fez com que Garibaldi se empregasse como professor de história,

caligrafia e matemática e “com o emprego de professor, e julgando necessário viverem sem a dependência dos amigos, o casal mudou-se para uma casa que foi alugada nas proximidades do Porto, hoje conhecida como rua 25 de Maio” (CADORIN, 1999, p.169).

Na capital Montevideu eles sentiram a necessidade de regularizar sua situação matrimonial, mas havia um obstáculo, Anita já era casada no Brasil e, sem ter sequer qualquer notícia do marido, declarou-se livre.

Segundo Cadorin (1999, p.175):

[...] sendo católicos, necessitavam batizar seu primogênito Menotti, o que somente seria possível se estivessem casados. As vésperas de ter seu segundo filho, pressionados socialmente, não lhes restou outra alternativa que não foi informar ao clero de Montevideu ser Anita livre e desimpedida, o que foi feito e aceito mediante o depoimento das testemunhas que firmaram o pacto antenupcial.

Casam-se em 26 de março de 1842 na Paróquia de São Bernardino, em Montevideu. Em Montevideu, o casal teve mais três filhos, como cita Cadorin (1999, p.183):

Além de Menotti, o único filho brasileiro, Anita teve mais outros três filhos, que enquanto residente em Montevideu. Em 30 de novembro de 1843 nasceu Rosita. Em 22 de fevereiro de 1845 nasceu a filha Terezita e em 4 de fevereiro de 1847 nasceu o filho caçula Ricciotti. Rosita veio a falecer ainda criança (...). Menotti e Ricciotti cresceram e tornaram-se oficiais do Exército Italiano, tendo ambos lutado ao lado do pai Giuseppe, anos mais tarde, no segundo período das guerras pela unificação italiana.

Já em 1843, Garibaldi organizou a Legião Italiana, ainda em Montevideu. Reuniam-se na residência de Anita, na maioria das vezes à noite, e essas discussões deram suporte ideológico para a criação de uma força militar. Montevideu, durante algum tempo sofreu bloqueio em seu porto pela frota inimiga Argentina. Garibaldi, com seu conhecimento, várias vezes burlou a vigilância dos seus rivais, que permitia a chegada de navios de outros países que ali despejavam suprimentos necessários para a sobrevivência de seu grupo e para a continuidade da luta.

Muito envolvido com a missão, Garibaldi pouco ficava em Montevideu, percorria estados de toda a América e, entre vitórias e derrotas, Giuseppe continuava utilizando seus conhecimentos para burlar a vigilância do inimigo o que

assegurava a continuidade de cada combate.

Permanecendo um tempo fora de casa, Garibaldi recebeu um comunicado que sua filha Rosita vinha a óbito por conta de uma infecção na garganta, o que a impossibilitou a respiração, morreu nos braços de sua mãe Anita. Com a notícia, ele pede que busquem Anita para acompanhá-lo nos combates, sendo que, o último combate aconteceu em 1846 e, “do segundo semestre daquele ano em diante, a Legião italiana dedicou-se exclusivamente à guarnecer a Capital, em cuja função alternava-se com outros corpos militares” (CADORIN, 1999, p. 186).

Tornando-se esta guerra diplomática, Garibaldi se dispôs a servir em prol da unificação italiana e envia um comunicado ao Papa Pio IX informando seu interesse. Como cita em seu diário segundo Dumas (2011, p.206):

Foi naqueles dias que tomei conhecimento, em Montevidéu, da ascensão de Pio IX ao pontificado. Sabemos como foram os começos daquele reinado. Como tantos outros, eu depusitei minha crença numa era de liberdade para a Itália.

Após o envio da carta, a apresenta para Anita assim, segundo Cadorin (1999, p.189-190):

Após redigirem esta carta, Garibaldi a exibiu a Anita, indagando-lhe o que pensava a respeito de sua disposição de colocar-se a disposição do Papa na causa da unificação italiana. Em resposta, disse-lhe que considerava o ato precipitado, pois deveriam esperar um pouco mais para declararem-se aliados de um homem bem mais forte, chefe da maior potência oculta do mundo.

Apesar da relutância de Anita em partir de Montevidéu e deixar ali os restos mortais de sua falecida filha, Giuseppe acha uma maneira de levá-la com eles, desenterram a urna funerária de Rosita, assim Anita aceita embarcar para Itália.

Em 1847, Garibaldi volta à Itália com a esposa e seus filhos na intenção de iniciar manifestações pela Unificação Italiana. Anita chegou à Gênova com os filhos no dia 02 de março de 1.848 onde, no porto, era esperada por um contingente popular de, aproximadamente, 3.000 (três mil) pessoas. Na Itália, Anita e os filhos rumam à Nice onde têm a oportunidade de conhecer a família de Giuseppe Garibaldi.

Iniciaram-se os combates e, conforme Cadorin (1999, p.217):

Na manhã de 30 de junho, Anita amanheceu combalida. Tentou levantar-se para ir ao Gianicolo, onde travava-se o mais ferrenho combate, mas não pode manter-se em pé. Não se preocupou muito, pois atribuiu àquela sua "fraqueza e tonturas" a sua gravidez de aproximadamente cinco meses. No entanto, provavelmente, era a primeira manifestação do impaludismo que a vitimaria fatalmente alguns dias após. Mesmo assim, queria participar da luta, acompanhar o marido em seus momentos mais difíceis, mas a sua debilidade não o permitiu.

Após vários conflitos, Anita é acometida pela febre tifóide, já fraca por ter passado por tantas gestações e por várias batalhas, não resiste e acaba falecendo no dia 04 de agosto de 1.849. Por conta da fuga, Garibaldi não consegue participar dos cortejos fúnebres de sua esposa.

Após sua morte, no Brasil houve um período de silenciamento. Pela mentalidade do período, podemos inferir que ela era vista como alguém que desqualificou o valor da família, pois abandonou o marido para fugir com o amante. Superficialmente, se fala de Anita na comemoração do centenário de nascimento de Garibaldi, no Rio Grande do Sul, onde ela aparece como sua esposa. Mas, efetivamente, só se houve falar de Anita Garibaldi após a Proclamação da República.

Supõe-se que esse período em que ficou esquecida, foi pelo fato de a Revolução Farroupilha ter acontecido durante a monarquia, pela qual ela lutava contra e, para os imperiais não era comum mostrar a imagem do seu inimigo e assim torná-lo mártir. Sua imagem ficou apagada até as comemorações do centenário da República Juliana e, logo após começou a ser vista como heroína.

Como sugere Elíbio Junior (1998, p.92) "Anita Garibaldi ressurgiu, assim, como um modelo de civismo e abnegação à Pátria. É a amarra dos interesses políticos da cidade, do reconhecimento de um passado glorioso e de virtudes".

Entende-se por herói, alguém que tem a cara da nação, que represente os interesses públicos, que seja coletivamente valorizado. Como cita Carvalho (1990, p.55) "não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas." Foi o que aconteceu com Anita, invisibilizada por muito tempo e, logo, surge como heroína.

Assim, compreende-se que Getúlio Vargas não apenas tinha interesse em mostrar a mulher corajosa para o Brasil, mas havia sim, um interesse político; ele precisava de ícones para a consolidação da República brasileira.

Por sua valentia nos combates, tanto no Brasil quanto na Itália, Anita recebeu o título de “heroína dos dois mundos”. Apesar do título de heroína e de seu esquecimento de 100 (cem) anos, Anita foi lembrada apenas na comemoração do centenário da República Juliana, feito por Getúlio Vargas. Ela ganhou homenagens em várias cidades do Brasil e da Itália, um exemplo é a estátua construída no centro da cidade de Laguna – SC, que foi inaugurada em 1964.

Figura 1 – Monumento de Anita Garibaldi, em Laguna/SC.



Fonte: Atrativo histórico de Laguna, SC (2014)

Com cerca de 2,20m (dois metros e vinte centímetros), em um pedestal de Granito, pousa a estátua de Anita Garibaldi, construída em um momento em que Laguna buscava uma nova identidade, uma nova direção para a memória social, já que estava deixando de ser a cidade mais importante de Santa Catarina. Assim, sobre o monumento, pontua Bittencourt (2005, p.24):

O monumento do centro, construído em 1964, quando a queda da atividade portuária era patente e a cidade já não ocupava mais a posição de lugar central do sul de Santa Catarina, é uma referência histórica, volta-se para o passado, demarca uma tradição, uma imagem para a cidade que não mais se pauta pelo sonho industrial de futuro.

Do ponto de vista econômico, Laguna deixava de ser referência no estado de Santa Catarina; passa-se a valorizar a história de Laguna, como patrimônio histórico. O monumento destina-se a transmitir e perpetuar sua lembrança para a posteridade.

A representação de Anita Garibaldi a partir desta estátua faz destacar-se seu papel de heroína pautado na sua coragem, buscando apagar os mais de 100 anos de esquecimento de sua história.

Como sugere Pesavento (2008, p.41):

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Esse processo de naturalização de um ausente ocorreu com a figura de Anita, pois foi reconhecida como heroína muitos anos após ter participado dos conflitos. Para representá-la, também se tem a construção do museu Anita Garibaldi, no centro de Laguna, onde estão expostas algumas memórias da Revolução Farroupilha, da República Juliana e de Anita Garibaldi.

Há também a Casa de Anita, com alguns objetos pessoais de Anita e lembranças da revolução, mas, por ter esse nome não representava a casa onde Anita passou sua infância e sim, foi a casa na qual ela se vestiu para seu casamento com Manoel. Portanto, temos a cidade de Laguna como patrimônio histórico e palco da revolução.

Ainda assim, busca-se entender porque a memória da revolução foi neutralizada pelos lagunenses por tanto tempo. Acredita-se que gerava dor, desconforto da população para com o fato ocorrido em seu território. Mas, ao repensar a identidade da cidade a guerra se tornou elemento de destaque, considera-se o fato de ser um confronto nacional e a projeção de Anita ter sido de reconhecimento internacional.

A representação de Anita através da estátua estabelece uma relação

entre a ausência e a presença da mulher na revolta, diz mais do que mostra, carrega sentido oculto, movimenta o inconsciente coletivo.

Analisando a imagem, Anita com a arma em punho e com o braço esquerdo para cima, subentende-se a representação de sua valentia, de sua coragem, por largar sua terra e lutar em busca de seus ideais juntamente com seu companheiro Giuseppe Garibaldi.

Após contextualizarmos neste primeiro capítulo os acontecimentos desse período de 10 (dez) anos de conflito, conhecermos seus personagens e compreendermos a participação de Anita Garibaldi na Revolta Farroupilha, passamos ao segundo capítulo, que tem o objetivo de fazer uma análise nos livros didáticos do segundo ano do ensino médio, buscando perceber, no conteúdo da Revolução Farroupilha a presença, ou a ausência de Anita.

3 ANITA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo faremos a análise dos livros didáticos do segundo ano do ensino médio, com o objetivo de perceber como Anita Garibaldi é representada nos conteúdos da Revolução Farroupilha.

O Projeto de Lei n.º 79 versava que os “estabelecimentos de ensino médio, públicos e privados, incluirão, em seus currículos escolares, conteúdo que trate dos direitos da mulher” (BRASIL, 2009), abordando aspectos históricos, econômicos, sociológicos, políticos, culturais e que fale da sua luta pela igualdade de direitos. Buscaremos perceber nas análises, a presença de Anita Garibaldi com o objetivo de perceber quais dessas publicações estão inserindo nos seus conteúdos textos que falem sobre as mulheres.

Para fazer esta análise, a ferramenta que utilizaremos será o livro didático, que é material mediador do conhecimento, é um facilitador do processo de ensino-aprendizagem na escola.

Assim, cita Bittencourt (2009, p.296):

Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores de apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina – no nosso caso, da História.

Temos no livro didático um material bastante complexo, pois se caracteriza pela interferência de vários sujeitos na sua produção. Alguns, escritos por vários autores, mas não necessariamente, o material enviado para a editora sai como escrito originalmente. Há a intervenção de várias pessoas até o livro estar definitivamente pronto. Escritores/historiadores, diretores, editores, revisores, editores de arte, ilustradores, são alguns dos exemplos, sem contar que:

Como produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro didático caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma *mercadoria* ligada ao mundo editorial e à lógica da indústria cultural do sistema capitalista (BITTENCOURT, 2009, p.301).

Assim, o Estado interfere indiretamente na elaboração dos conteúdos que serão posteriormente veiculados nas escolas, desde a elaboração do material até o

controle da instituição de ensino. Tenta fixar um modelo de sociedade que o Estado acredita ser o melhor e que vá de encontro ao progresso da nação. Sendo assim, o livro apresenta conteúdos que, na maioria das vezes, beneficia o Estado de alguma forma.

Confirmando isso, Circe Bittencourt (2002, p.73) nos fala que “[...] o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado”.

Temos o livro didático como um auxiliar no ensino de história, que na atualidade não significa somente estudar o passado para compreender o presente, mas sim, relaciona-se com o processo de construção de identidades e da formação de um cidadão crítico e atuante.

Busca-se compreender a sua realidade e confrontá-la com outras realidades históricas, assim, fazendo o aluno situar os acontecimentos históricos e localizá-lo no tempo.

Outro objetivo é conhecer e respeitar os diversos grupos étnicos, as diferentes culturas, as diferenças econômicas e políticas. Aprender a valorizar o patrimônio e o direito de cidadania de todos os grupos existentes.

Inclui-se nesse novo contexto de ensino de história, o estudo de gênero, que são as relações entre homem e mulher em diferentes sociedades, épocas e culturas, mas pode ser entendido também como sinônimo de sexo. Porém, o conceito que utilizaremos faz menção às relações, que ao longo dos anos vem se modificando.

Há muitos anos atrás, a mulher era vista como dependente do homem, era um ser submisso, criada pra cuidar dos filhos e da casa, não podia ocupar posições mais elevadas política e culturalmente, se assim quisesse, era considerada uma ameaça, colocaria em risco a sociedade. Era vista como um ser “que depende sempre do homem para sobreviver como se fosse um ser menos capaz, o que é desmentido pela própria História” (MOSTAFA, 2007).

Por ser considerada um ser menos capaz que os homens, “não cabia à mulher alçar voos próprios em busca de realizações pessoais, com desempenhos além dos permitidos e valorizados como os de esposa e mãe” (CARVALHO, 1994, p.174). Assim, nota-se que seu viver era limitado, não poderia participar ativamente da vida em sociedade.

Essa relação de poder do homem para com a mulher vem sendo modificada. A luta pela igualdade social vem sendo travada e vem ganhando espaço na sociedade. O que antes era visto com repúdio, hoje está se transformando; há uma reavaliação do papel da mulher na sociedade. A mulher vem mostrando para a sociedade, cada vez mais sua capacidade de ser e fazer, o que antes era considerado papel masculino.

Segundo Perrot (2001, p.170):

[...] pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua 'cultura' e a existência dos seus poderes.

Essa presença que vem, cada dia mais, se reafirmando foi levada em conta pelas autoridades na busca para maior compreensão do papel das mulheres na história, sendo que o Projeto de Lei n.º 79 contribui efetivamente para isso.

Como justificativa, Alice Portugal, Deputada Federal (proponente do decreto) no ano de 2007, explica que:

Nas escolas brasileiras, as relações de gênero ganham pouca relevância entre educadores, assim como no conteúdo dos cursos de formação docente. Ainda temos os olhos pouco treinados para ver as dimensões de gênero no dia-a-dia escolar, talvez pela dificuldade de trazer para o centro das reflexões não apenas as desigualdades entre os sexos, mas também os significados de gênero subjacentes a essas desigualdades e pouco contemplados pelas políticas públicas que ordenam o sistema educacional (BRASIL, 2009).

Esse projeto de lei tinha como objetivo mostrar que uma sociedade emancipada não poderia manter-se subordinada a nenhum de seus membros. Buscava destacar o papel das mulheres nas mais diferentes etapas da história da humanidade, “além do destaque das biografias de mulheres como Berta Lutz, Francisca Gonzaga, Anita Garibaldi, Maria Quitéria, Luiza Manim, dentre outras que formam a galeria honrosa de mulheres que ousaram inovar no Brasil (...)” (BRASIL, 2009, p. 3).

No entanto, a não aprovação desse Projeto de Lei n.º 79 coloca em risco nossos conteúdos dos livros didáticos e:

[...] mesmo reconhecendo que houve avanços importantes e correções de rumo na condução da elaboração dos livros didáticos, observa-se ainda, ausências de abordagens de alguns temas e, que mesmo quando apresentam as mulheres através de ilustrações, estas não são citadas nos textos e quando o são, é ainda reforçando uma construção social dos papéis reservados a homens e a mulheres (LOSE; MATOS, 2011, p.388).

A partir dessa justificativa e da rejeição do projeto de lei pelas autoridades, passamos agora a análise dos conteúdos.

Avaliamos cerca de 11 (onze) livros didáticos do segundo ano do ensino médio, mas, vamos nos ater à apenas 08 (oito) deles, 04 (quatro) livros que citam Anita e 04 (quatro) livros que nada falam sobre ela, sendo, na maioria deles publicações do ano 2013, pelo fato de serem as obras mais recentes recebidas e avaliadas pelas escolas.

Conforme tabela abaixo:

Tabela 1- Menção de “Anita” nos livros didáticos

Ano de publicação	Menção – Anita	
	SIM	NÃO
2013	X	
2013	X	
2013	X	
2013		X
2013		X
2013		X
2013	X	
2005		X
1996		X
2005		X

Fonte: Elaborado pela Autora (2014).

Iniciaremos pelos livros:

- *História Global: Brasil e Geral*, com autoria de Gilberto Cotrim (Editora Saraiva, 2005);
- *História do mundo ocidental*, de Antonio Pedro, Lizânias de Lima e Yone de Carvalho (Editora FDT, 2005);
- *História do Brasil*, de Luiz Koshiha e Denise Manzi Frayze Pereira

(Editora Atual, 1996); e

- *Novo olhar História*, de Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg, (Editora FDT, 2013).

As obras citadas acima possuem uma característica em comum, nada falam sobre Anita Garibaldi no conteúdo direcionado à Revolução Farroupilha.

O livro *História do Brasil*, do ano 1996 possui um texto consideravelmente grande, onde divide em subtítulos todo o conteúdo. Inicia falando desde a fundação da Colônia de Sacramento, por volta de 1680. Discorre sobre os jesuítas na região, fala sobre a importância dada ao gado no século XVII e a posterior criação das estâncias, até o final do século XVIII onde a charqueada, se torna uma das bases da economia, com a introdução da indústria da carne seca. Fala sobre a independência do Brasil e da importância que o Rio Grande do Sul teve para essa nova república, cita também a independência do Uruguai e que a partir disso, começam os impasses entre esses dois territórios pelo domínio da comercialização do charque, indo até a revolta onde Bento Gonçalves é nomeado presidente.

O texto cita Bento Gonçalves, Davi Canabarro e Giuseppe Garibaldi, mas o momento em que Anita entra na história, quando eles chegam na cidade de Laguna, não é mencionado. Falam sobre a proclamação da República Juliana e logo falam sobre o acordo de paz assinado por Duque de Caxias.

O outro livro a ser analisado é *História do mundo Ocidental*, do ano 2005. Este apresenta um texto com tamanho médio. Inicia a partir da Revolução propriamente dita, no ano de 1835. Seu foco já é a produção de charque na região e o confronto pelo domínio de território para a comercialização do produto. Fala sobre Bento Gonçalves presidente da república, fala brevemente sobre Garibaldi e Davi Canabarro em Laguna e passa à assinatura do acordo de paz e finaliza o conteúdo.

Já o livro do mesmo ano de 2005, *História Global Brasil e Geral*, contém um texto com tamanho médio que fala também sobre o charque, mas nos fala que a base econômica do Estado na época era o café e o açúcar. Cita a criação das estâncias e logo fala sobre as repúblicas de Piratini e Juliana. Fala de Bento Gonçalves, Davi e Garibaldi e passa para o acordo de paz.

O último livro analisado, com data de 2013, *Novo olhar História*, possui um texto pequeno sobre o conteúdo, onde cita o charque como principal produto da economia, fala sobre Bento como presidente da república de Piratini, não menciona

Davi Canabarro e Giuseppe Garibaldi, fala apenas da proclamação da República Juliana pelos farroupilhas e, logo passa a falar do acordo de Poncho Verde, finalizando o conteúdo.

O que se pode perceber entre os conteúdos dos quatro livros avaliados acima é que em nenhum deles a presença de Anita Garibaldi no conflito é posta em evidência, o foco principal nos textos é o contexto político e econômico do período e, com relação às imagens, eles apresentam sempre uma representação do exército farroupilha, com cavalos e suas armas em punho.

Sendo assim, esses livros enfatizam a invisibilidade da mulher, ou seja, de Anita porque de nenhuma maneira ela foi representada no conteúdo. Percebe-se que as mulheres não obtiveram ainda o devido reconhecimento, acredita-se que seja pelo fato de ser uma revolta, uma história de luta. Contudo, não cabe às mulheres destaque pela participação e sim, aos homens. É o que acontece com a personagem foco da nossa análise, Anita Garibaldi.

Percebemos que o destaque dado no texto é para os homens, que participaram ativamente do conflito, que lutaram em busca de melhores condições de vida. Mas, para entender melhor, buscamos o sentido de guerra e, por se tratar de ser um combate, na maioria das vezes violento, pode não ser considerado um espaço feminino, ou seja, é um espaço masculino, pois requer coragem e força, e as mulheres que participaram de guerras, na maioria das vezes são neutralizadas, por se considerar esse espaço definitivamente masculino. Então, àquelas que combateram, às vezes aparecem nos conteúdos como enfermeiras, companheiras e não como combatentes ou como membro do exército.

Sendo assim:

O conceito de gênero transcende a condição explicativa e adentra a esfera do teórico, pois estabelece ao analisar uma dada maneira de olhar a realidade da vida (das mulheres e dos homens) para compreender que as relações sociais entre mulheres e homens se constroem na esfera do poder. Assim, para compreendermos os gêneros, precisamos antes entender suas relações sociais, de poder e dominação. Gênero seria um conceito capaz de demonstrar as construções sociais, sobre os papéis definidos como próprios para mulheres e homens. E de como mulheres e homens assumem seus papéis em dada sociedade (LOSE; MATOS, 2011, p.390)

A produção desses livros, ainda visava o não aparecimento das mulheres nos conteúdos. Como percebemos em leituras feitas em livros com conteúdos

específicos da Revolução Farroupilha e de Anita Garibaldi, sabemos que ela teve uma participação importante nesse período; sua participação nas batalhas e, até mesmo sua fuga, fizeram parte dessa história.

Partindo dessa análise e percebendo que a imagem de Anita Garibaldi nestes livros é invisibilizada, passamos agora para a análise dos outros quatro livros selecionados, todos do ano de 2013.

Iniciaremos pelos livros:

- *Conexão História*, com autoria de Roberto Catelli (Editora AJS);
- *História das cavernas ao terceiro milênio: da conquista da América ao século XIX*, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, da (Editora Moderna);
- *Por dentro da História 2*, de Pedro Santiago, Célia Cerqueira, Maria Aparecida Pontes (Editora Escala Educacional);
- *Conexões com a História*, com autoria de Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira, (Editora Moderna).

Iniciamos pela obra *Conexão História*, que apresenta os conteúdos de todas as revoltas que aconteceram no período regencial em um texto corrido, inicia o conteúdo com um texto consideravelmente grande, falando sobre a Revolução Farroupilha.

O conteúdo apresentado sobre o conflito novamente enfatiza a questão política e econômica, de forma um pouco mais detalhada; mostra fatos que nos livros analisados acima sequer são citados. Apresenta Davi Canabarro e Giuseppe Garibaldi, como fugitivos italianos. Segue do contexto da alta do preço do imposto cobrado pelo charque até a assinatura do Tratado de Poncho Verde. Dá mais detalhes das pequenas batalhas que aconteceram no período da Revolução.

Ao apresentar Garibaldi e Canabarro, já em Santa Catarina, não fala sobre Anita, mas a expõe em um “box complementar” na parte inferior esquerda da página. Esse box se refere à Anita como “a valente guerreira”, apresentando uma pequena biografia, falando onde nasceu, e com qual idade se casou com Manuel.

Cita seu encontro com Garibaldi utilizando a palavra enamorar e, narra a sua vida de batalhas ao lado dele, mencionando os conflitos em Montevideu e na Argentina e segue falando da volta para a Itália, juntamente com os filhos. Já na Itália aborda sobre a participação deles na guerra pela unificação e segue até sua

doença, que a leva à morte.

Percebe-se neste box, que Anita abandona a casa e o marido e segue como companheira de batalhas de Garibaldi. Pelo fato de ser um box complementar indica ao leitor ser algo paralelo fora do texto, algo que não teria a devida relevância para estar inserido no corpo do texto e, também por se tratar da história de uma mulher, que geralmente são colocadas à margem, são vistas como algo que pouco complementa a história.

Ao observarmos as imagens no conteúdo, percebe-se que o destaque é dado, nos dois quadros, aos guerreiros Farroupilhas, mostrando-os com suas armas e espadas em punho no momento da proclamação da República Rio-Grandense e, mesmo Anita tendo um box complementar, nenhuma imagem dela aparece no decorrer do texto.

Seguimos com o livro *História das cavernas ao terceiro milênio: da conquista da América ao século XIX*. Neste livro, o conteúdo aparece em um pequeno texto e se apresenta nos mesmos seguimentos das outras obras já citadas, com foco principal no charque e no contexto político-econômico da época.

Neste, aparecem elementos novos com relação à revolta, como a reivindicação para escolher o governo da província, e surge a promessa de libertação dos escravos que lutaram, promessa essa feita pelos revolucionários, que se cumpriria quando chegassem a Santa Catarina, ou seja, quando invadissem Laguna, mas não se cumpriu e eles mantiveram-se escravos.

Porém, diferentemente das outras obras, esse apresenta Anita como companheira de Garibaldi, sem sequer citar a invasão à Laguna, falando como se Anita estivesse vindo do Rio Grande do Sul junto com Garibaldi e assim, invadem Laguna. Ali, ela não aparece como mulher atuante, é vista apenas a companheira dele.

Nada fala sobre a vida dos dois, os combates juntos, as fugas, os filhos. Da invasão à Laguna, parte direto à decadência da República Farroupilha, e cita Duque de Caxias como novo presidente, não falando sobre a assinatura do Tratado de Paz de Poncho Verde.

Então, novamente aparece apenas como companheira de Giuseppe, ou seja, apenas essa informação sobre ela é mencionada, sem qualquer biografia ou maior ênfase na sua participação nas batalhas e, nem mesmo que ela conheceu Garibaldi em Laguna e fugiu com ele; ela não invadiu a cidade com os farroupilhas,

como diz no texto e, na imagem na qual faz menção ao conteúdo, aparece o exército farrapo, também com seus cavalos e suas armas na mão, e nenhuma imagem de Anita.

Já o livro *Por dentro da História 2* nos mostra um texto pequeno sobre a Revolução Farroupilha e nos exhibe informações que dão a entender que não foi uma revolta de participação popular, e sim administrativa. O problema não estava no povo, mas em que geria a economia da província, ou seja, os estancieiros.

Este texto fala também da anistia aos participantes da revolta, a integração dos oficiais farroupilhas às tropas imperiais e a homologação da liberdade dada às pessoas escravizadas que lutaram na guerra, mas não deixa claro se isso realmente aconteceu, ou não.

E, diferentemente das outras obras, este fala sobre liberais exaltados e liberais moderados. Nenhum outro livro analisado cita esses dois grupos.

Em tal obra, Anita surge esposa de Garibaldi e é citada apenas uma vez. Em nenhum momento no texto percebe-se a sua participação legitimada como guerreira. E, como em obras anteriores, não aparece nenhuma imagem dela e, nem mesmo dos guerreiros farroupilhas. A ausência de imagens sejam pinturas, fotos ou algo que represente tanto a revolta quanto Anita, a falta de biografia dela estão nítidas no texto.

Com isso, nota-se que, pelo fato de ser um texto pequeno, o espaço para discorrer sobre o acontecido é limitado. Resume-se apenas ao contexto político e econômico da época, mas cita brevemente alguns aspectos que não foram levados em consideração em outras obras.

Nosso último livro a ser avaliado é o *Conexões com a História* que, como outras obras, exhibe um texto muito pequeno sobre o conflito de 10 anos, mas aponta ser o conflito mais longo de todo o período regencial.

Este também expressa novos pontos de vista como, o significado da expressão “farroupilha” que significa pessoa maltrapilha, mal vestida. Fala da anistia dos rebeldes, mas não deixa claro se essa anistia é dos negros, subentende-se que é dos farrapos, pois, logo cita que muitos deles são incorporados ao Exército Brasileiro.

Expressa que o conflito teve início porque os revoltados não tinham direito de participar das decisões importantes que eram tomadas no Rio de Janeiro, ou seja, o texto frisa o isolamento da província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Partindo para Anita, mais uma vez ela surge apenas como companheira de Garibaldi, sem biografia e sem nenhuma imagem. Ela aparece, tal qual uma obra anterior, como se estivesse vindo do Rio Grande do Sul com ele e com o exército rebelde e logo ocupou a província. Assim, há também a ausência do personagem Davi Canabarro, isso coloca Garibaldi e Anita como únicos proclamadores da República Juliana. Nesta obra também não há nenhuma imagem de Anita e dos farrapos.

Após todas as análises é importante evidenciarmos o sentido de companheira, palavra na qual é utilizada em várias obras para referir-se a Anita Garibaldi. E, conforme o minidicionário Ediouro de Língua Portuguesa, “companheiro” é quem acompanha colega, amigo, esposo, amante (XIMENES, 2001).

A partir desse significado, entende-se o sentido do termo companheira, utilizado para designar Anita, ou seja, aquela que acompanha, quem abandonou sua cidade para acompanhar Garibaldi em suas lutas, sua vida.

Aparecendo sempre como companheira, o termo heroína não é visto nos livros didáticos, diferentemente das obras elencadas no capítulo anterior, que são livros que falam da Revolução Farroupilha e biografias de Anita Garibaldi e que, na maioria deles ela é evidenciada como heroína, utilizando-se ainda do termo “heroína dos dois mundos”, que também não é visto em nenhum dos livros didáticos analisados.

Nota-se também, que em todas as leituras feitas dos livros didáticos, ela esta relacionada somente com o Garibaldi; Anita enquanto mulher, enquanto soldado, enquanto mãe, não se percebe como relevante.

Identifica-se, na maioria deles, o evidente racionamento do espaço disposto para expor o conteúdo; textos pequenos, sem detalhes, e que expressam uma visão geral da revolta, o que é insuficiente para um bom entendimento da Revolução farroupilha e, menos ainda da participação de uma mulher, Anita Garibaldi, nesta e em várias outras revoltas que enfrentou juntamente Giuseppe Garibaldi.

Analisados todos esses fatores, percebe-se que:

Ainda as ‘mulheres comuns’ não aparecem nos livros didáticos, ou se aparecem, são anônimas, apenas intituladas ‘índias’, ‘escravas’,

'trabalhadoras'. Sem dúvida há muitos desafios postos ao ensino da História no que se refere ao tema proposto (MARQUES, 2013)

E, especificamente para Anita, que aparece apenas como companheira de Giuseppe Garibaldi, sequer seu verdadeiro nome é citado, sua história, sua biografia. Notamos também que, essa presença pode marcar sua invisibilidade, porque muitas vezes a forma com que é representada, ajuda a manter os preconceitos e nada faz para problematizá-los.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo da pesquisa que o livro didático é um instrumento de auxílio para professores e alunos, mas, também é um objeto comercializado pela indústria cultural. Sendo assim, há uma carência de conteúdos relacionados às mulheres e, podemos concluir que as mulheres não possuem suas narrativas escritas nos livros, não são valorizadas e muitas vezes quando aparecem são invisibilizadas.

A partir dessa pesquisa, podemos entender a necessidade de mais debates sobre a questão de gênero nos livros didáticos. A forma com que a mulher, ou, em específico, Anita Garibaldi, é posta no livro didático minimiza sua presença na história. Geralmente as mulheres são sempre relacionadas a “grandes homens” de grandes feitos, mas não aparecem com atuantes e, sim, como coadjuvantes. Via de regra, aparecem paralelas a história.

Pensando nessa questão, o Projeto de Lei n.º 79 nos possibilita refletir sobre a importância da inclusão de temáticas que falem sobre as mulheres nos livros didáticos de ensino médio e, que foi de grande relevância a iniciativa da Deputada Alice Portugal em levar este projeto adiante, mas, sentimos a carência de nossas autoridades em pensar a questão do gênero para os livros didáticos.

Todavia, todos devemos ter a oportunidade de conhecer mais da história e não apenas o conteúdo que está limitado nos livros didáticos, e isto inclui explorar a questão das várias mulheres que os livros deixam de fora da história. A inclusão das mulheres possibilita que todos nós, homens e mulheres possamos nos sentir atuantes na história.

Outro fato evidenciado no trabalho é a questão da representação de Anita como heroína. Temos uma imagem ambígua de “heroína dos dois mundos”, mas ao mesmo tempo atrelada diretamente à figura do Garibaldi como se ela não tivesse autonomia nas ações, como se fosse seguidora dele e fizesse tudo conforme ele orientava. Mas essa visão de heroína deve ser repensada, pois heróis se constroem em cada momento histórico e, como notamos nas análises, ela é vista sempre como companheira ou esposa dele.

Perante esta designação de apenas companheira nota-se que nem todos os escritores, editores, enfim, os responsáveis pela escrita e publicação do material didático destacam o papel de Anita na Revolução. Conforme explícito no segundo

capítulo, algumas obras publicadas, não evidenciaram Anita Garibaldi no texto que fala da Revolução Farroupilha, o destaque às mulheres não é levado em consideração nestas obras.

Já as outras publicações incluíram Anita no contexto da revolta, mesmo sem destacá-la como protagonista, mas agora o nome dela aparece no conteúdo da Revolução Farroupilha, seja incluído no corpo do texto como simplesmente companheira ou esposa de Garibaldi ou em um Box complementar. Porém, percebe-se que, mesmo no Box, ela fica fora do contexto, como uma personagem que não está inserida efetivamente no acontecimento da revolta. Aparece como uma história paralela aos fatos acontecidos durante a revolução. Pode-se considerar ainda o fato de o tema ser uma guerra local, tradicionalmente considera-se que seja papel masculino, porque mulheres não ganham destaque em guerras e em lutas, mas os homens sim.

E, sabendo que o Projeto de Lei n.º 79 não foi aprovado, e percebendo nos livros essa carência de conteúdos que falem sobre as mulheres, consideramos então a importância desse projeto de lei da deputada Alice Portugal, que poderá dar mais visão às mulheres na história, nos mostrando sua importância e fazendo-nos conhecer várias histórias que por muito tempo foram neutralizadas nos conteúdos dos livros didáticos.

Mas para além do livro didático é importante que os professores, de modo geral, utilizem outros meios para discutir gênero que busquem trazer para o cotidiano escolar, conteúdos sobre as mulheres, que mostre aos alunos a importância da reflexão e compreensão do gênero.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. **Conexões com a história**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ATRATIVOS históricos de Laguna/SC. **Monumento de Anita Garibaldi**. Disponível em: <<http://www.litoraldesantacatarina.com/foto/laguna/monumento-de-anita-garibaldi-em-laguna-sc/1155/>> Acesso out.2014

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. (Repensando o Ensino). 7.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. Coleção docência em formação. Série ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, João Batista. Dos lugares lagunenses de cristalização da memória: a peleja de Getúlio Vargas com Anita Garibaldi. In: II Congresso Sul-americano de História, 2005, Passo Fundo. **Caderno de resumos do II Congresso Sul-americano de História**, 2005. p. 24-25.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Brecho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BRASIL. **Projeto de Lei da Câmara n.º 79, de 2009**. Inclui nos currículos básicos do ensino médio, conteúdo que trate dos direitos da mulher. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=62406&tp=1>. Acesso em out.2014.

CADORIN, Adílcio. **Anita Garibaldi – a guerreira das repúblicas**. Florianópolis: IOESC, 1999. 320p.

CAPUANO, Yvonne. **Bento Gonçalves: síntese biográfica**. Porto Alegre: SENAI, 2004. 40 p.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATELLI JUNIOR, Roberto. **Conexão história: volume 2. Ensino médio: 2ª série**. São Paulo: Editora AJS, 2013.

COSTA, Gustavo Marangoni. **Entre contrabando e ambiguidades: outros aspectos da República Juliana Laguna/SC 1836 – 1845**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COTRIM, Gilberto. **História global – Brasil e Geral**. Volume único. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

DORNELLES, Laura de Leão. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. **Revista**

Brasileira de História & Ciências Sociais, v.2, n.º 4, p. 168-178, 2010. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/artigo.guerrafarroupilha.pdf>. Acesso em out.2014.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Trad. de Antonio Caruccio-Caporale. Coleção L&PM POCKET. v.206. Porto Alegre: L&PM, 2011. 328 p.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayse. **História do Brasil**. 7.ed.rev. atual. São Paulo: Atual, 1996.

LOPES, Alfredo Ricardo da Silva. Distintos e Dislexos? O Papel das Elites Locais na República Juliana. **Revista Santa Catarina em História**, v.1, p. 73-81, 2010. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/105>>. Acesso em out.2014

MARANGONI, Gustavo. A república popular. Criada em 1839, a República Juliana teve forte apoio local. **Revista de História.com.br**. 1/12/2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-republica-popular>>. Acesso em out.2014.

MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi: uma heroína**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

MARQUES, Ana Maria. Livros didáticos de História para o Ensino Médio no Brasil: abordagens e silêncios sobre as questões de gênero. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. **Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013.

MOSTAFA, Maria. Onde estão as mulheres? O papel da mulher na História ainda não está claro nem nos raros livros didáticos que dão espaço a essa discussão. **Revista de História.com.br**. 12.09.2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/onde-estao-as-mulheres>>. Acesso em out.2014.

PEDRO, Antonio; LIMA, Lizânias de Souza; CARVALHO, Yone de. **História do mundo ocidental: ensino médio: volume único**. São Paulo: FTD, 2005.

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Novo olhar história: 2. 2.Ed.** São Paulo: FTD, 2013.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 130 p.

SANTIAGO, Pedro; CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. **Por dentro da história: 2. Coleção por dentro da história. 3.ed.** São Paulo: Escala Educacional, 2013.

XIMENEZ, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2001.

ZUMBLICK, Walter Carlos. **Aninha do Bentão**. [S. L.]: Editora do Autor, 1980. 102 p.